

ANITA RAMOS E A PÁGINA FEMININA DO CORREIO PAULISTANO UMA PIONEIRA JORNALISTA DO CINEMA E DA IMPRENSA FEMININA PAULISTA

Bruno Domingues Micheletti¹

Resumo

Com apoio nos estudos de gênero, inserimos a obra Anita Ramos como pioneira da imprensa feminina paulista na década de 1930. Segundo Buitoni (2009), *"moda e cinema [...] construíram as figuras da mulher nos anos 1940 e 1950"*, no entanto, Anita antecipa esta tendência. Segundo Adami (2013), a pesquisa científica visa *"a produção de conhecimento relevante teórica e socialmente"* e neste caso, utilizamos Bourdieu (2010) para mostrar a cultura patriarcal e Lipovetsky (2000) para mostrar as barreiras profissionais da mulher através do *"Teto de Vidro"*. Anita desiste de ser jornalista para dedicar-se a carreira do marido, o radialista Osvaldo Moles.

Palavras-chave: Anita Ramos. Imprensa Feminina. Teto de Vidro. Crítica de Cinema. Correio Paulistano.

Introdução

Diversos estudos de gênero abordam a relação da mulher com a imprensa no Brasil apontando diferentes contribuições: seja na análise de estilos editoriais, como Angeluccia Habert faz com as revistas de fotonovelas, concluindo que elas são uma *"forma de literatura sentimental fabricada para milhões"*; seja na apresentação de veículos de imprensa feministas e engajados, que levaram *"a mulher mais avançada a sentir a necessidade de criar um jornalismo diferente que refletisse, na realidade, a vida e as aspirações femininas bem como a ajudasse a emancipar-se"*. (MARQUES DE MELO, 2006). No entanto, a maioria das publicações femininas brasileiras enquadraram-se no *"modelo de imprensa conformista, alienante, modernizadora"* (MARQUES DE MELO, 2006, p.149), fato que é melhor compreendido a luz dos estudos de Dulcília Buitoni (2009), que busca *"a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira"*, partindo de suas origens, que no Brasil, surgem apenas no século XIX com a chegada da família real e consequentemente da imprensa.

Buitoni (2009), retrata as mudanças na representação da mulher através da imprensa brasileira, formando o referencial teórico que utilizamos para análise da produção de Maria de Lourdes Ramos Ferri Moles (1905-1987), jornalista conhecida

¹Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Paulista - UNIP, bruno.unip.jor@gmail.com

por Anita Ramos e responsável pelas páginas “Cinematographia” e “Página Feminina” do jornal Correio Paulistano, na década de 1930. Anita relata que *“Era a primeira página de um jornal paulista dedicada à mulher e eu só tinha como referência O Jornal. Nova, sem experiência jornalística, fui fazendo por minha conta e risco”*. (FERNANDES, 1983, p.36) Para página de cinema, Anita escreve críticas com apelo ao romântico, a moda e a vida das estrelas de cinema, como podemos constatar desde sua estreia no Correio Paulistano².

Deve andar pela cabeça de todas as mulheres o nome de Ramon Novarro! Principalmente para as “Jeunes Filles”, elle representa o typo ideal - tem para isto *belleza physica*, mocidade, romantismo. Toda cabecinha, loira ou castanha, deve andar sonhando com o interprete arrojado de “Ben-Hur”, com o romantico apaixonado de “Sevilha de meus amores”, ou com o homem que caminhou pelas areias quentes do deserto e beijou Myrna Loy.³

Complementando o referencial teórico, buscamos as raízes simbólicas e culturais da nossa tradição patriarcal, lembrando *“que aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas tais como a família, a igreja, a escola[...]”* (Bourdieu, 2010) e advertimos sobre as lutas do movimento feminista:

Convocar as mulheres a se comprometerem com uma ação política que rompe com a tentação da revolta introvertida de pequenos grupos de solidariedade e ajuda mútua, por mais necessários que estes sejam nas vicissitudes da vida diária, na casa, na fábrica, ou no escritório, não é, como se poderia crer, e temer, convidá-las a aliar-se sem luta às formas e às normas ordinárias da luta política, com o risco de se verem atreladas ou engolfadas em movimentos estranhos a suas preocupações e a seus interesses específicos. É desejar que elas saibam trabalhar para inventar e impor, no seio mesmo do movimento social e apoiando-se em organizações nascidas da revolta contra a discriminação simbólica, de que elas são, juntamente com os (as) homossexuais, um dos alvos privilegiados, formas de organização e de ação coletivas e armas eficazes, simbólicas sobretudo, capazes de abalar as instituições, estatais e jurídicas, que contribuem para eternizar sua subordinação. (BOURDIEU, 2010)

Apesar do talento, Anita sempre encontrou barreiras para atuar profissionalmente. Sua saída do Correio Paulistano no ano de 1937, envolve uma

² Destacamos que em todas as citações, optamos pelo texto original.

³ RAMOS, A. Ramon Novarro e a realidade da vida. Correio Paulistano. São Paulo, 05 jul. 1934. Cinematographia p. 7

controversa história ligada a política paulistana e a alta administração do jornal, que relataremos adiante. Por uma questão de gênero, Anita sofre “*como se um ‘teto de vidro’ (glass ceiling) bloqueasse sistematicamente*” (LIPOVETSKY, 2000, p.266) seu acesso aos altos postos hierárquicos do jornal.

A constatação é banal: a política continua a ser um assunto de homens.

O isolamento das mulheres não é menos manifesto no mundo dos negócios. Se é verdade que o pessoal administrativo feminino das empresas não pára (SIC) de aumentar, os escalões superiores da hierarquia permanecem masculinos. (LIPOVETSKY, 2000, p.264)

Esclarecemos que os verbos foram utilizados no presente para manter no texto um caráter de atualidade (ADAMI; MICHELETTI, 2013, p.2) e ressaltamos que não abordamos neste artigo os gêneros jornalísticos produzidos por Anita, entendendo metodologicamente “*a imprensa como fonte e objeto de pesquisa*” (MARQUES DE MELO, 2009, p. 225).

A importância deste estudo encontra-se no resgate e registro histórico da primeira página feminina veiculada em um jornal paulista, mostrando uma rica fonte para estudos de gênero na década de 1930 e, de certa forma, homenageamos Anita Ramos, mesmo que, até os dias atuais:

De papel em papel, a imprensa feminina brasileira colabora para a mitificação e a mistificação do ser feminino, ajudando a manter padrões. A artimanha do novo usa principalmente a mulher, por ser mais vulnerável. No entanto, a ilusão da moderninha está contaminando também o homem e, pior, as novas gerações. Dos papéis usados para impressão, aos papéis atribuídos à mulher, chega-se ao papel da imprensa feminina - diluir conflitos sociais. Um teatro, um carnaval, uma balada: usa-se a fantasia, ganha-se personalidade, pensa-se que é feliz” (BUITONI, 2009, p. 212).

Correio Paulistano e Família Ramos

O Correio Paulistano foi o órgão oficial do PRP (Partido Republicano Paulista) e com Getúlio Vargas no poder, graças a Revolução de 30, o jornal ficou fechado entre 1930 e 1934. É neste momento que Anita começa a trabalhar.

Nascida na cidade de Franca, interior do Estado, Anita Ramos veio para a capital acompanhada das irmãs: Sarah de Oliveira Ramos e Ruth de Oliveira Ramos⁴, mas logo toda família também muda-se para capital. Segundo Thereza Pastore⁵, o patriarca Oscar Oliveira Ramos veio para São Paulo por considerar “*um absurdo*”, três mulheres viverem sozinhas na capital.



Figura1 - Anita Ramos na adolescência

Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

É nesta época que Anita casa-se com Osvaldo Moles⁶, passando a se chamar Maria de Lourdes Ramos Ferri Moles, sendo o “Ferri” acrescido para evitar o trocadilho

⁴ Sarah foi sanitarista e secretária na superintendência do Hospital dos Servidores Públicos Municipais e Ruth foi paisagista do parque da Água Branca. Julieta, a outra irmã nunca trabalhou. Anita teve mais dois irmãos, José e Vicente. Mais informações sobre a família Ramos podem ser encontradas no livro-reportagem “Osvaldo Moles: o intelectual que falou com o povo”. (MICHELETTI, 2012)

⁵ Sobrinha de Anita Ramos que entrevistamos em 22 de agosto de 2012.

⁶ Osvaldo Moles é uma das maiores expressões do rádio paulista e brasileiro, com uma vasta e reconhecida produção no rádio. Foi ele, na década de 1940, que descobre o potencial cômico de Adoniran Barbosa, criando dezenas de tipos cômicos, programas e até músicas que fazem sucesso na voz do sambista “italo-caipira-paulistano”. Além do rádio, Moles também trabalha com sucesso na imprensa escrita, cinema, televisão,

“Ramos Moles” e as gozações dos familiares, conforme Thereza lembra. Oscar não era completamente favorável as filhas trabalharem. Poucas mulheres na década de 1930 o faziam, sendo comum, que fossem sustentadas por seus maridos. Bourdieu (2010, p.18) explica que “*o mundo social constrói o corpo como realidade sexualizada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes*”, ou seja, as diferenças biológicas entre os corpos das mulheres e dos homens passam por um “*programa social de percepção incorporada*” recebendo uma carga simbólica que legitima a divisão social do trabalho. A mulher tem o domínio sobre as coisas privadas, na casa, no íntimo, enquanto os homens tem domínio sobre as coisas públicas, na rua, no trabalho.

“*Há sempre lugar para uma luta cognitiva a propósito do sentido das coisas do mundo e particularmente das realidades sexuais.*” (Bourdieu 2010, p.22) É dessa luta, que acreditamos vir o impulso, a ação de Anita e suas irmãs, que decididas, deixam o interior para trabalhar na capital. Obviamente tivemos avanços. No mundo contemporâneo, as mulheres ganham cada vez mais voz e espaço, mesmo assim as barreiras culturais são carregadas de carga simbólica e ainda dão consistência natural a uma visão androcêntrica da sociedade, com os perigos alertados por Bourdieu (2010) de que, quando os pensamentos dos dominados “*e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão*”.

A “Página Feminina”

A moda sempre pautou a “Página Feminina”. Na estreia, a matéria principal aborda o feminismo, mas transfere as lutas do movimento social para um tom moderado, alegando que a mulher não precisa deixar de vestir belas “*toilettes*”. Anita escreve que “*As mulheres que lutam no mesmo terreno que os homens não o fazem pela intenção de masculinização ou como adversarias hostil do sexo forte*”, o que, até este ponto poderíamos considerar que Anita acreditava, devido sua trajetória pessoal, em um movimento feminino libertário, com respeito as diferenças de gênero, muito próximo de uma “*luta cognitiva*” capaz de superar a eterna “*oposição entre o masculino e o*

teatro, literatura, publicidade e no marketing político. (MICHELETTI 2012; ADAMI E MICHELETTI 2013)

As ruas de uma cidade, principalmente, de uma grande metrópole, varia muito de aspecto conforme a hora: a rua fica antipathica ou sympathica, triste ou alegre, agradável ou desagradável, no entanto é tudo uma questão de hora de um pouco de sol, de uns ângulos de luz, das pessoas que passam. A rua Direita, tem pela manhã um ar ingenuo, um tanto triste, mas sem aspersa lembra uma menina romântica, toda ilusões, sonhando ao vê as andorinhas e o céu. As três horas é desagradável, cheia de sol, inclemente, empoeirado, tem o jeito de quem andou a pé por estradas transitadas por automóveis e recebe todo o pó. Às seis e meia ela é deslumbrante como uma mulher bonita que se adorna para um baile com braceletes, colares, pulseiras, cravejadas de perolas e brilhantes... Tem um aspecto de mistério e fascinação.⁸

Ainda hoje, as mulheres, são criadas com uma carga simbólica moral. Bourdieu (2010) cita o método de Frigga Haug⁹ para exemplificar os sentimentos que as mulheres carregam sobre *“diferentes partes do seu corpo, com as costas, a serem mantidas retas, com as pernas que não devem ser afastadas etc.”* Os “bons modos” implicam a utilização regras de etiqueta (pequena regra ética), que como Bourdieu (2010) nos mostra, *“estão carregadas de uma significação moral ([...] ter barriga é prova de falta de vontade etc.)”*. Também nos chama atenção as amarrações do corpo feminino, onde suas vestes são fabricadas para limitar os movimentos da mulher. Uma das crueldades ligadas as tendências da moda está em uma espécie de “confinamento simbólico”

assegurado por suas roupas (o que é algo mais evidente ainda em épocas antigas) e tem por efeito não só dissimular o corpo, chamá-lo continuamente à ordem (tendo a saia uma função semelhante à sotaina dos padres) sem precisar de nada para prescrever ou proibir explicitamente (“minha mãe nunca me disse para não ficar de pernas abertas”): ora com algo que limita de certo modo os movimentos, como os saltos altos ou a bolsa que ocupa permanentemente as mãos, e sobretudo a saia que impede ou desencoraja alguns tipos de atividades (a corrida, algumas formas de se sentar etc.); ora só as permitindo à custa de precauções constantes, como no caso das jovens que puxam seguidamente para baixo uma saia demasiado curta, ou se esforçam por cobrir com o antebraço uma blusa excessivamente decotada, ou têm que fazer verdadeiras acrobacias para apanhar no chão um objeto mantendo as pernas fechadas. Essas maneiras de usar o corpo, profundamente associadas à atitude moral e à contenção que

⁸ RAMOS, A. Variações sobre a moda. Correio Paulistano. São Paulo, 07 out. 1934. Página Feminina p. 10.

⁹ Ao resgatar histórias de infância, “discutidas e interpretadas coletivamente”, Frigga Haug desenvolveu um método que chamou de “memory work”.

convêm às mulheres, continuam a lhes ser impostas, como que à sua revelia, mesmo quando deixaram de lhes ser impostas pela roupa (como o andar com passinhos rápidos de algumas jovens de calças compridas e sapatos baixos). E as poses ou as posturas mais relaxadas, como o fato de se balançarem na cadeira, ou de porem os pés sobre a mesa, que são por vezes vistas nos homens - do mais alto escalão - como forma de demonstração de poder, ou, o que dá no mesmo, de afirmação são, para sermos exatos, impensáveis para uma mulher. (BOURDIEU, 2010, p.39-40)

Na década de 1930, as mulheres finalmente ganham direito ao voto no Brasil (1932), mas também é nesta década que o governo cria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) (1937), que foi responsável por “*cercear a cultura brasileira*”. A imprensa feminina recebia grande influência cultural francesa e “*se limitara aos assuntos tradicionais: moda, beleza, crianças, etc. No mais, os textos eram literários ou pseudoliterários, beletristas*”. (BUIIONI, 2009, p.85)

Nas duas décadas seguintes, a imprensa feminina recebe o acréscimo da influência do cinema em suas publicações, devido a consolidação hegemônica da cultura de massa norte-americana no imaginário ocidental. A década de 1940 é marcada pela expansão do jornalismo americano na imprensa em geral: “*As agências mandavam material que era traduzido e raramente adaptado*” (BUIIONI, 2009, p.86). Na revista “O Cruzeiro” datada de 19 de dezembro de 1942, a influência americana nas mulheres nacionais aparece na série “*Queria ser...*”: “*Nesse número, as moças “queriam ser”:* Deanna Durbin, Ana Pavlova, Eleonora Duse, Betty Grable.”

Na década de 1930, a coluna “Cinematographia” da Anita, antecipava esta tendência. A vida das celebridades, as paixões (dentro e fora do cinema), o glamour e a moda aparecem nesta seção.

Naturalmente, sempre é um consolo poder o “fan” pensar que aquela alegria e aquela felicidade no amor que os outros representam, estão amparadas pela realidade de suas próprias vidas e do próprio amor. Cinema e Vida! Cintas que se desenrolam na mesma rapidez de um sonho. E, apesar de tudo, vale a pena sonhar - para ter a doce e mentirosa ilusão da felicidade. (RAMOS, 1934, p.6)¹⁰

¹⁰ RAMOS, A. O amor no cinema e na vida dos artistas. Correio Paulistano. São Paulo, 08 jul. 1934. Cinematographia p. 6.

Com a década de 1950, a imprensa brasileira é marcada pelo forte desenvolvimento industrial, beneficiando principalmente as revistas, dando folego as femininas e ilustradas. *“Os jornais custavam a modernizar-se no que diz respeito a forma e conteúdo. Os velhos padrões, a maioria do jornalismo norte-americano, davam a fisionomia de todos eles.”* (BUITONI, 2009, p.97). Com *“seções pobres, sem imaginação, com diagramação e ilustração pouco trabalhadas”* os jornais estavam sempre atrasados em relação as revistas. Como exemplo, Buitoni (2009) apresenta a página feminina do jornal O Estado de S. Paulo, que começou a ser veiculada na década de 1940, tornando-se um suplemento feminino, publicado toda sexta-feira, a partir de setembro de 1953. A “Página Feminina” da Anita, não se torna um suplemento, mas chega a ter duas edições semanais a partir de novembro de 1936 (domingo e quinta-feira).

Em agosto de 1936, o Correio Paulistano recebe um ofício do “Departamento de Censura á Imprensa” liberando algumas seções do jornal, incluindo a “Página Feminina” da censura prévia, mas por muito pouco tempo, pois, em 2 de outubro do mesmo ano, o deputado Diogenes Ribeiro de Lima (PRP), sobe a tribuna da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo para pedir *“energicas providencias”*, por que *“a censura em S. Paulo, continua a ser instrumento da política peceista”¹¹ (Não apoiados na maioria), exercida tão sómente para defesa do Partido Constitucionalista”¹²*. O deputado também defende o Correio Paulistano, citando as seções que permaneciam censuradas. Entre elas, a “Página Feminina”.

Teto de Vidro: Demissões e barreiras na carreira

Em maio de 1937, Anita passa a integrar a diretoria da Associação Paulista de Imprensa (A.P.I.), como suplente da *“Comissão de Sindicancia”¹³*. Ela está no auge da carreira, porém, uma mudança na direção do Correio Paulistano ocasiona uma demissão

¹¹ Os Peceistas eram os partidários do Partido Constitucionalista.

¹² “Como é exercida a censura ao 'Correio Paulistano'”, Correio Paulistano, 02 out. 1936, p.6

¹³ “Empossada hontem a nova administração da A.P.I.”, Correio Paulistano, 02 mai. 1937, p.6

em massa dos redatores. Segundo matéria não assinada do O Estado de S. Paulo¹⁴ os problemas começaram com a chegada de Oliveira Cesar, como gerente do Correio Paulistano. O autor da matéria se identifica como sendo o mais antigo redator do Correio Paulistano, responsável por redigir as crônicas "Vida Social" e "De Relance", e elenca uma série de atrocidades, abusos e desrespeito por parte do gerente contra os redatores do jornal, incluindo Anita e Moles que acabaram se desligando desta redação.

É neste momento que Moles estreia no rádio, participando da fundação da PRG-2 Rádio Tupy¹⁵ de São Paulo, em 03 de setembro de 1937. Anita passa a trabalhar no Diário da Noite, escrevendo crônicas sobre assuntos variados. Uma delas foi escrita *"Quando o duque de Windsor renunciou ao trono para se casar com uma plebéia, comentei o fato em uma crônica. Os leitores gostaram muito e recebi muitas cartas de elogio"*. (FERNANDES, 1983, p.36) Porém, o Diário da Noite também passa por uma mudança no seu corpo diretivo e Anita é mais uma vez demitida. Na década de 1940, busca estabilidade e passa a trabalhar como censora:

"O DIP era visto com maus olhos pelos intelectuais, mas lá eu era funcionária do governo e tinha estabilidade. Além do mais, o ambiente era ótimo, haviam pessoas de grande gabarito, como o poeta Péricles Pimentel, o historiador Hernani Silva Bruno, dos quais eu fiquei muito amiga." (FERNANDES, 1983, p.36)

Nesta época, Anita torna-se amiga pessoal de Monteiro Lobato, ajudando-o a fazer o "JB", jornal com circulação no interior (FERNANDES, 1983, p.36). Desta amizade, Beatriz Savonitti¹⁶, guarda um exemplar do "Urupês" autografado para "as três irmãs" e um quadro pintado por Lobato, com uma dedicatória no verso para Osvaldo Moles.

¹⁴ "Demissão em massa dos redactores do 'Correio Paulistano'", O Estado de S. Paulo, 19 ago. 1937, p.14

¹⁵ Segundo Adami (2004), a rádio foi registrada oficialmente como Tupy, com "y", na "Relação das Estações Brasileiras de Radiodifusão", listagem do Ministério da Viação e Obras Públicas, órgão responsável na época pela radiodifusão, e que mais tarde seria o Ministério das Comunicações.

¹⁶ Sobrinha-neta de Anita Ramos, entrevistada em 22 de agosto de 2012.

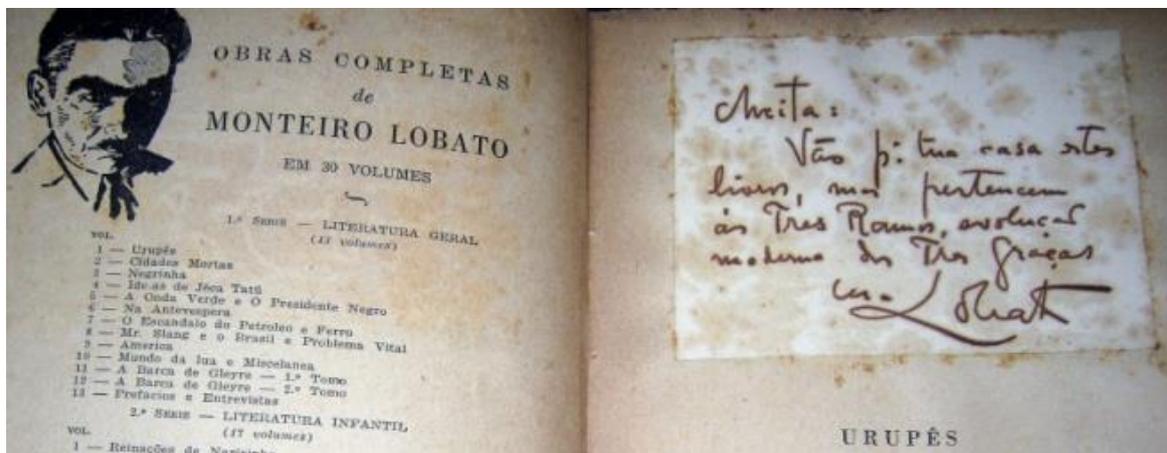


Figura3 - Dedicatória de Monteiro Lobato às “Três Irmãs” em exemplar do Urupês

Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Após a vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial e o fim do Estado Novo no Brasil, aumenta a pressão popular pelo fim da censura, muito graças a propaganda do liberalismo americano. O DIP é extinto em 25 de maio de 1945 e

“Anita foi transferida para a Secretaria da Fazenda. Lá, recortava e selecionava artigos de jornais, mas o serviço era "extremamente monótono". Desiludida com a profissão, resolve se dedicar ao casamento e estimular a carreira do marido. Uma decisão que foi definitiva e encerrou por completo o sonho de ser jornalista.” (FERNANDES, 1983, p.36)

Apesar do talento, Anita desiste da profissão de jornalista por questões circunstanciais, ligadas a gestão das empresas e órgãos em que trabalhou. Mesmo com o sucesso do marido e do círculo de amizades influentes que fez, Anita Ramos estava excluída, do que Lipovetsky (2000) chama de “redes informais do poder”. Até na ocasião em que foi nomeada para compor a diretoria da API, Anita fica como suplente.

“Estranhas à "tribo" masculina da gerência, as mulheres são privadas de modelos de identificação, automaticamente consideradas suspeitas, obrigadas, para estabelecer sua credibilidade, a mostrar-se mais bem

sucedidas que seus colegas masculinos. Agindo em um mundo dirigido por homens, as mulheres encontram-se excluídas das redes informais do poder, privadas de informações privilegiadas, despreparadas para os jogos e estratégias políticas da empresa, para o lobbying e a negociação que condicionam o acesso aos postos de direção.

Cortadas dos contatos informais de comunicação e de ajuda, as mulheres se beneficiaram mais dificilmente que os homens do apoio de mentores ou de patrocinadores majoritariamente masculinos. Desde há muito tempo, pôde ser mostrado o laço existente entre sucesso profissional e apadrinhamento. (LIPOVETSKY, 2000, P.270)



Figura4 - Detalhe do “Grande Prêmio da Crítica”, na categoria Cinema da APCA 1982

Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Em 1982, Anita Ramos ganha o “grande prêmio da crítica”, na categoria “cinema” da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), por seu pioneirismo como crítica de cinema na imprensa paulista. O prêmio foi entregue no ano seguinte! No dia 04 de abril de 1983, Anita Moles (como foi anunciada), sobe no palco do Theatro Municipal para o receber o prêmio, um merecido reconhecimento, pelo importante papel que teve nas páginas do Correio Paulistano.

Referências

Revista Eletrônica CoMtempo



ADAMI, A.; MICHELETTI, B. Osvaldo Moles: A Genialidade no Rádio Paulista In: XXXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 36., 2013, Manaus. **Anais...** Manaus: INTERCOM, 2013. 1 CD-ROM.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

BUITONI, Dulcília. **Mulher do papel**: A representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

FERNANDES, M. C. Anita Ramos, uma pioneira da crítica paulista. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 30 jan. 1983, p. 36. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19830130-33098-nac-0036-999-36-not/>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das letras, 2000

MARQUES DE MELO, José. **Teoria do Jornalismo**: Identidades Brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006

MICHELETTI, B. D. **Osvaldo Moles**: O intelectual que falou com o povo. 2012. 282 folhas, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Paulista - UNIP, São Paulo, 2012